

O Guardião do Patrimônio Público

Drama investigativo biográfico

Jozenei Silva Pereira



Edição literária expandida, preparada para publicação digital, com personagens, lugares e entidades ficcionais inspirados na trajetória real do autor. Esta edição preserva o núcleo biográfico e acentua o valor dramático, ético e institucional da história.

Nota editorial: esta versão foi estruturada para leitura online em HTML e para distribuição em PDF.

Sobre a obra

Este romance biográfico se apoia na vida de um profissional da contabilidade pública que atravessou infância pobre, trabalho precoce, formação técnica e universitária, docência, conflito institucional e defesa ética do patrimônio coletivo.

Para fins literários e cinematográficos, nomes de pessoas, cidades, órgãos e entidades foram substituídos por personagens e ambientes ficcionais. O protagonista aparece como João Gabriel; a avó, como Dona Benedita; a cidade natal, como Santa Aurora; e o município em que se desenvolve o núcleo do conflito administrativo, como Nova Esperança.

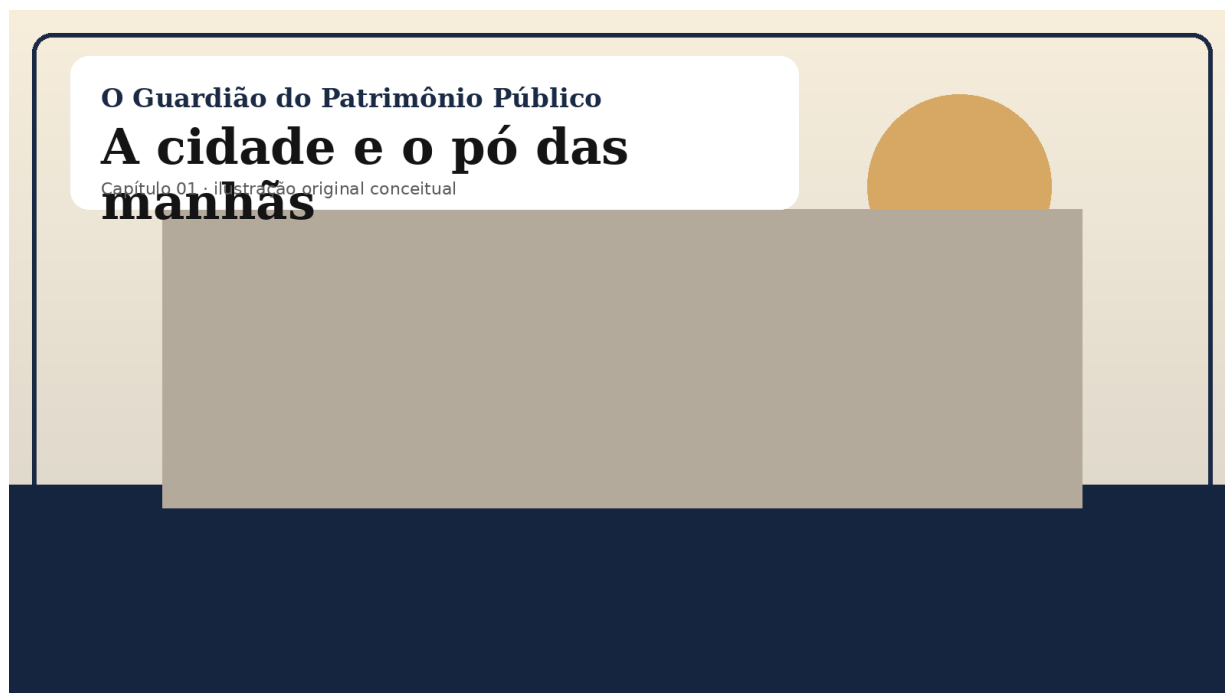
A tese central da obra é simples: a contabilidade pública, quando tratada com rigor patrimonial, não é mera formalidade administrativa, mas instrumento de verdade, controle social e dignidade coletiva.

Sumário

- | | |
|----|---------------------------------------|
| 01 | A cidade e o pó das manhãs |
| 02 | A mulher que me salvou |
| 03 | A pequena casa de aluguel |
| 04 | A escola que ficava longe |
| 05 | Madrugadas no centro de abastecimento |
| 06 | O menino que quis trabalhar |
| 07 | Pastéis, feira e domingo |
| 08 | O pai de voz dura |
| 09 | Oficina de ferrugem e graxa |
| 10 | Barraca de fogos |
| 11 | Sapatos, quitandas e mercadinhos |
| 12 | A primeira carteira assinada |
| 13 | Quando os números começaram a falar |
| 14 | O curso técnico |
| 15 | Noites de estudo |
| 16 | O estágio sem bolsa |

17	A cooperativa e a primeira mesa contábil
18	O amigo que abriu a porta
19	O perdão antes da despedida
20	O dia em que meu pai morreu
21	O retorno ao trabalho
22	O escritório próprio
23	O concurso e a chegada a Nova Esperança
24	Convênios, obras e papéis
25	A mudança para o setor contábil
26	A contabilidade que não existia
27	Voltar a estudar para entender o tamanho do problema
28	A sala de aula me devolveu a voz
29	Viagens, docência e renúncias
30	O retorno amargo
31	A terceirização
32	A primeira denúncia
33	O desvio de função
34	O contador isolado
35	Especialização, mestrado e a disciplina da esperança
36	Doutorado e luta por reconhecimento
37	O sistema de custos
38	A nova gestão, a velha prática
39	Vitória moral
40	O guardião do patrimônio público

A cidade e o pó das manhãs



Na memória de quem veio de baixo, cada detalhe da paisagem guarda uma lição. As ruas sem calçamento, o rádio ligado cedo nas casas vizinhas, o cheiro de café ralo e terra molhada não eram cenário neutro; eram a primeira escola moral do protagonista. João Gabriel nasce em Santa Aurora, cidade grande do interior baiano, entre ruas de barro, vizinhos pobres e uma sensação precoce de que sobreviver era tarefa séria.

A cidade de Santa Aurora, inspirada no interior baiano, aparece quase como personagem. O comércio popular, a religiosidade discreta das famílias pobres e o movimento das feiras deixam claro que a vida comum possui densidade épica quando é observada com honestidade.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Dona Benedita: “Menino nenhum escolhe onde nasce, mas pode escolher como vai atravessar a vida.”

Narrador: “Naquele tempo eu ainda não entendia a frase, mas ela ficaria comigo para sempre.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Rua simples do interior baiano ao amanhecer, casas modestas, céu rosado, menino observando a cidade. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A mulher que me salvou



Na memória de quem veio de baixo, cada detalhe da paisagem guarda uma lição. As ruas sem calçamento, o rádio ligado cedo nas casas vizinhas, o cheiro de café ralo e terra molhada não eram cenário neutro; eram a primeira escola moral do protagonista. Após o parto, Maria das Dores mergulha em profunda tristeza. Dona Benedita percebe o risco e assume os cuidados do neto, da nora e da casa.

Dona Benedita não age como heroína de romance idealizado. Ela age como mulheres do povo agem: sem anunciar grandeza, tomando providências concretas. Cozinha, arruma, cuida e vigia. Ao acolher o neto, ela inaugura a figura central de proteção que dará sustentação à narrativa inteira.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Maria das Dores: “Mãe, eu não consigo segurar esse menino sem tremer.”

Dona Benedita: “Então eu seguro por nós duas, até você voltar para si.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Avó negra segurando um bebê com proteção e firmeza, quarto simples, luz suave. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A pequena casa de aluguel



Na memória de quem veio de baixo, cada detalhe da paisagem guarda uma lição. As ruas sem calçamento, o rádio ligado cedo nas casas vizinhas, o cheiro de café ralo e terra molhada não eram cenário neutro; eram a primeira escola moral do protagonista. A casa de aluguel era apertada, mas nela cabiam medo, silêncio, afeto e promessa. João aprende cedo que o pouco também pode ensinar abundância moral.

A casa pequena, dividida entre necessidades demais e espaço de menos, ensina o protagonista a perceber o peso material das escolhas. Cada prato, cada colchão, cada balde de água tem função. É nesse ambiente que a noção de patrimônio, ainda sem nome técnico, começa a nascer como cuidado com o que é escasso.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Vó, por que a gente mora apertado assim?”

Dona Benedita: “Porque a vida ainda está pequena, meu filho. Um dia ela cresce.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Casa simples com poucos cômodos, móveis modestos, avó e menino dividindo pequeno espaço. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A escola que ficava longe



Na memória de quem veio de baixo, cada detalhe da paisagem guarda uma lição. As ruas sem calçamento, o rádio ligado cedo nas casas vizinhas, o cheiro de café ralo e terra molhada não eram cenário neutro; eram a primeira escola moral do protagonista. A rotina escolar exigia caminhada, disciplina e coragem. Entre a escolinha do bairro e a escola pública, o menino descobre que estudar também é um trabalho.

A escola aparece como deslocamento físico e também social. Caminhar até ela significa atravessar ruas, superar cansaço e manter o corpo disponível para o aprendizado mesmo quando a vida doméstica já consumiu boa parte da energia do dia.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Professora: “Você presta atenção como gente grande.”

João Gabriel: “É que em casa eu aprendi a ouvir antes de falar.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência,

construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Menino caminhando para escola pública em bairro popular, caderno no braço. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Madrugadas no centro de abastecimento



Na memória de quem veio de baixo, cada detalhe da paisagem guarda uma lição. As ruas sem calçamento, o rádio ligado cedo nas casas vizinhas, o cheiro de café ralo e terra molhada não eram cenário neutro; eram a primeira escola moral do protagonista. Dona Benedita acorda às quatro da manhã para vender verduras e condimentos. João passa a enxergar o trabalho como idioma da dignidade.

No centro de abastecimento, a avó não vende apenas mercadoria. Vende resistência organizada. A banca arrumada, o troco separado e a fidelidade dos fregueses revelam uma contabilidade intuitiva do cotidiano, feita de memória, prudência e reputação.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “A senhora não cansa?”

Dona Benedita: “Cansar eu canso. Desistir é que eu não aprendi.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Feira livre de madrugada, avó arrumando verduras sob luz amarela. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O menino que quis trabalhar



A infância já não podia ser protegida por inteiro. O mundo cobrava cedo, e o menino aprendeu a responder antes mesmo de conhecer as palavras certas para nomear esforço, cansaço e responsabilidade. Com dez anos, João decide ajudar escondido. O impulso de aliviar o peso da avó nasce muito antes do vocabulário técnico que depois guiaria sua vida.

A decisão de trabalhar escondido revela um traço decisivo: diante da dor alheia, João tende a agir. Esse gesto infantil antecede a postura adulta de protocolar denúncias, elaborar sistemas e insistir em soluções quando a estrutura prefere acomodação.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Eu preciso trabalhar para ajudar a senhora.”

Dona Benedita: “Seu trabalho por enquanto é estudar. Ajuda maior do que essa eu não conheço.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Menino olhando a avó sair para trabalhar, expressão decidida. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Pastéis, feira e domingo



A infância já não podia ser protegida por inteiro. O mundo cobrava cedo, e o menino aprendeu a responder antes mesmo de conhecer as palavras certas para nomear esforço, cansaço e responsabilidade. Entre pastéis vendidos às escondidas e carros vigiados na feira, o domingo se torna laboratório de responsabilidade, imprevisto e observação do comportamento humano.

A feira de domingo funciona como microcosmo social. Ali circulam trabalhadores, donas de casa, comerciantes, curiosos e oportunistas. O menino aprende a ler expressões, negociar espaços e desconfiar da aparência de normalidade quando ela encobre exploração.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Primo: “Se tua vó descobrir, estamos perdidos.”

João Gabriel: “Pior é ver ela sozinha levando o mundo nas costas.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Feirinha de bairro com barraca de pastel e menino observando carros. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O pai de voz dura



A infância já não podia ser protegida por inteiro. O mundo cobrava cedo, e o menino aprendeu a responder antes mesmo de conhecer as palavras certas para nomear esforço, cansaço e responsabilidade. O pai, Raimundo Gabriel, é ao mesmo tempo provedor e fonte de medo. A violência doméstica deixa cicatrizes que o narrador levará por muitos anos.

A figura paterna jamais é simplificada. Raimundo é fruto de seus próprios limites, vícios e durezas, e a narrativa preserva essa ambiguidade para impedir leituras rasas. O mal causado é real, mas o homem também permanece humano, o que torna o perdão mais difícil e mais significativo.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Raimundo: “Nesta casa ninguém me responde.”

Dona Benedita: “Respeito não nasce do grito, Raimundo.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Interior de casa simples com tensão familiar, sombras e expressão dura do pai. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Oficina de ferrugem e graxa



A infância já não podia ser protegida por inteiro. O mundo cobrava cedo, e o menino aprendeu a responder antes mesmo de conhecer as palavras certas para nomear esforço, cansaço e responsabilidade. Aos doze anos, João é levado para a oficina de um amigo do pai. Graxa, ferrugem e calor compõem um aprendizado rude sobre hierarquia e resistência.

Na oficina, o tempo tem outra textura. O calor, o barulho metálico e a autoridade brusca dos adultos ensinam que trabalhar também pode ser sobreviver ao ambiente. João aprende observação, precisão e humildade diante de ofícios pesados.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Mecânico: “Menino, alcance a chave treze.”

João Gabriel: “Um dia eu vou aprender um ofício que não suje a mão desse jeito, mas vou respeitar este trabalho para sempre.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Oficina mecânica com carro antigo, adolescente com mãos sujas de graxa. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Barraca de fogos



A infância já não podia ser protegida por inteiro. O mundo cobrava cedo, e o menino aprendeu a responder antes mesmo de conhecer as palavras certas para nomear esforço, cansaço e responsabilidade. Na barraca de fogos do padrinho, João descobre que beleza e risco muitas vezes caminham juntos. Aprende a lidar com cuidado, tempo e confiança.

A barraca de fogos introduz um contraste importante: a beleza que se vende pode conviver com risco extremo. O capítulo usa esse contraste para sugerir algo que voltará mais tarde na vida pública: nem toda aparência colorida corresponde à verdade do que está por trás.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Padrinho: “Fogos bonitos também explodem nas mãos erradas.”

João Gabriel: “Então eu vou aprender a nunca brincar com o que é sério.”

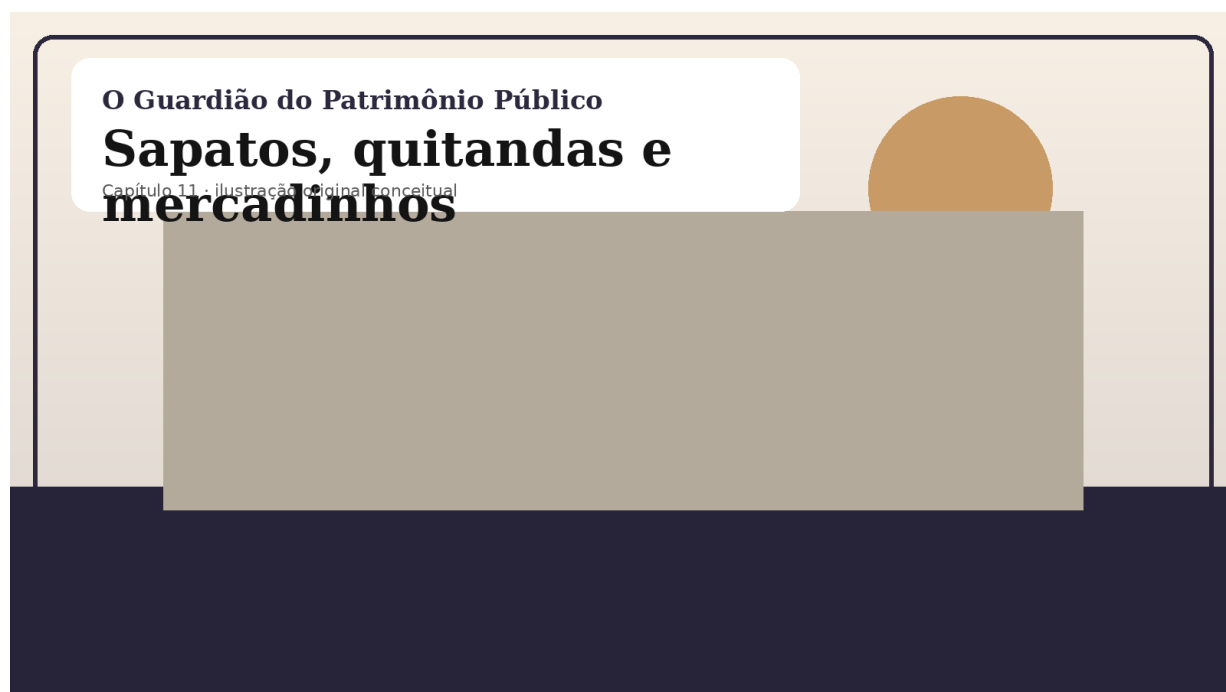
O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Barraca de fogos coloridos em festa popular, adolescente atento. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Sapatos, quitandas e mercadinhos



A infância já não podia ser protegida por inteiro. O mundo cobrava cedo, e o menino aprendeu a responder antes mesmo de conhecer as palavras certas para nomear esforço, cansaço e responsabilidade. Sapataria, quitandas e mercadinhos lhe ensinam fluxo, estoque, cobrança e conversa com gente simples. O trabalho multiplica fadiga e maturidade.

Os pequenos comércios ampliam o repertório do protagonista. Contar troco, reorganizar mercadoria, atender cliente e suportar cansaço compõem uma formação silenciosa para a disciplina administrativa que mais tarde encontraria na contabilidade sua linguagem mais refinada.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Dona da quitanda: “Você é rápido para contar troco.”

João Gabriel: “Eu gosto quando as coisas fecham certo.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Sequência de pequenos comércios populares, sapateiro e mercadinho. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A primeira carteira assinada



A infância já não podia ser protegida por inteiro. O mundo cobrava cedo, e o menino aprendeu a responder antes mesmo de conhecer as palavras certas para nomear esforço, cansaço e responsabilidade. A primeira carteira assinada representa mais do que emprego formal: é a entrada simbólica num mundo em que registros determinam pertencimento.

A carteira assinada tem valor quase ritual. O nome no documento, a presença da mãe para consentir, a formalidade do ato — tudo isso comunica ao jovem trabalhador que o mundo institucional existe e que nele também se pode entrar por meio de papéis corretos.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Funcionário: “Traga sua mãe para autorizar.”

João Gabriel: “Vou trazer. Quero esse papel como quem segura uma porta aberta.”

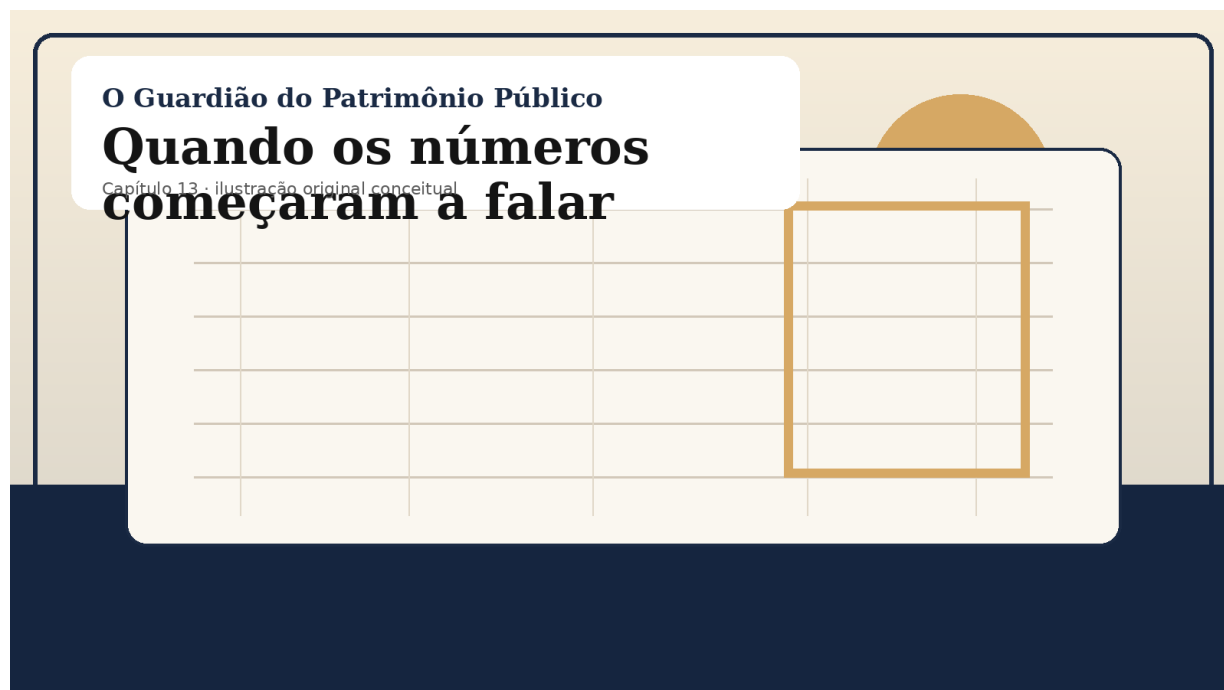
O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência,

construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Carteira de trabalho sobre balcão simples, mão jovem segurando documento. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Quando os números começaram a falar



Quando a contabilidade entrou na história, ela não apareceu como linguagem fria. Surgiu como forma rigorosa de dizer a verdade sobre aquilo que existe, circula, pertence e precisa ser guardado. No mercadinho, João percebe que entradas, saídas, compras e vendas contam uma história escondida. Nasce ali sua atração pela lógica do controle.

É nesse momento que o olhar de João deixa de ser apenas operacional e se torna analítico. Ele passa a enxergar o que está por trás da mercadoria na prateleira: fluxo, perda, reposição, preço, margem e memória de caixa.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Gerente: “Se o caixa não fecha, a semana inteira desanda.”

João Gabriel: “Então os números também têm memória.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Mercadinho com prateleiras, caixa registradora e caderno de anotações. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O curso técnico



Quando a contabilidade entrou na história, ela não apareceu como linguagem fria. Surgiu como forma rigorosa de dizer a verdade sobre aquilo que existe, circula, pertence e precisa ser guardado. Em 1993, o curso técnico em contabilidade lhe oferece linguagem para uma intuição antiga: proteger aquilo que é real, registrado e socialmente relevante.

O curso técnico oferece ao narrador uma gramática. Débito, crédito, patrimônio, resultado, mutação — termos que poderiam soar áridos aparecem, para ele, como ferramentas de compreensão da realidade e não como abstrações escolares vazias.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Professor: “Contabilidade não é soma de papel; é ciência do patrimônio.”

João Gabriel: “Então encontrei meu lugar.”

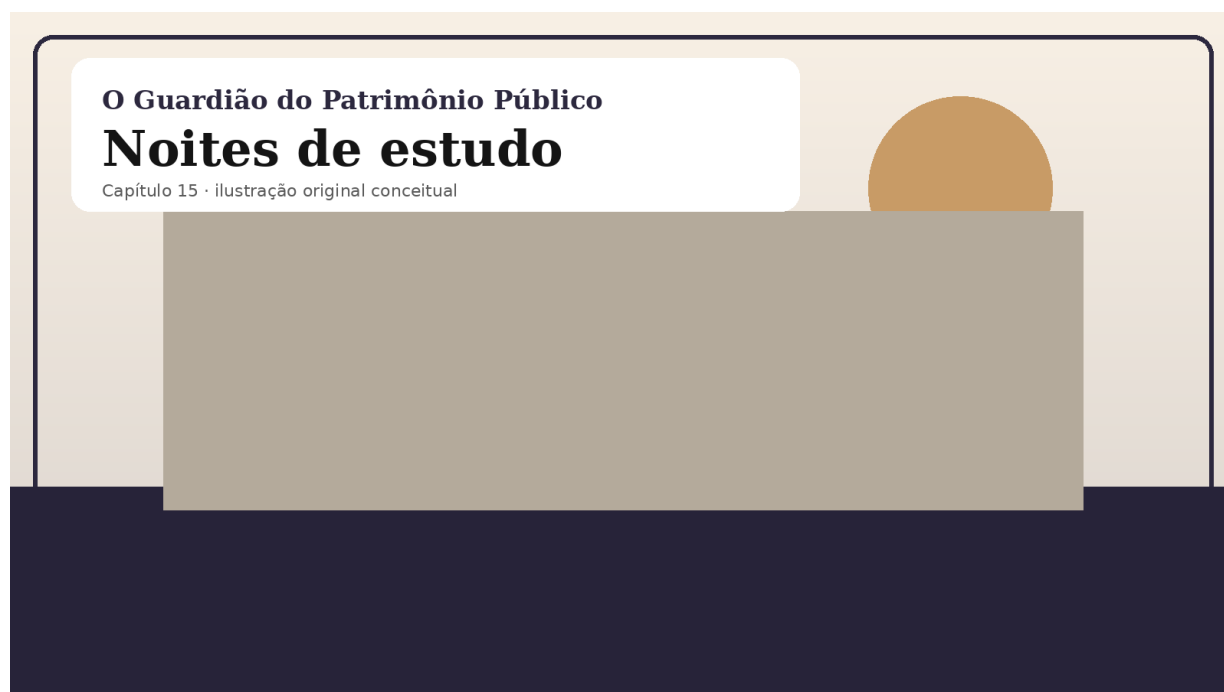
O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Sala de aula de curso técnico, quadro com lançamentos contábeis. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Noites de estudo



Quando a contabilidade entrou na história, ela não apareceu como linguagem fria. Surgiu como forma rigorosa de dizer a verdade sobre aquilo que existe, circula, pertence e precisa ser guardado. Trabalho de dia, estudo à noite. A persistência vira músculo moral. João aprende que disciplina intelectual é forma de resistência.

A persistência acadêmica não é romântica. Ela cobra sono, disciplina e renúncia. Há noites em que o corpo quer desistir, mas a convicção de que o estudo amplia liberdade empurra o protagonista para a página seguinte.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Avó: “Durma um pouco, meu filho.”

João Gabriel: “Durmo depois. Agora preciso aprender.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Jovem estudando à noite sob luz fraca, livros e cadernos. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O estágio sem bolsa



Quando a contabilidade entrou na história, ela não apareceu como linguagem fria. Surgiu como forma rigorosa de dizer a verdade sobre aquilo que existe, circula, pertence e precisa ser guardado. Sem bolsa, o estágio na cooperativa nasce de uma indicação e de confiança emprestada. João entra pela porta estreita da oportunidade.

O estágio sem bolsa sublinha uma verdade conhecida por muitos brasileiros pobres: a oportunidade às vezes chega sem conforto. Ainda assim, entrar em um ambiente profissional ligado à contabilidade significa aproximação concreta do futuro desejado.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Carlos Menezes: “Falei de você ao contador. Agora prove que eu não me enganei.”

João Gabriel: “Vou provar com trabalho.”

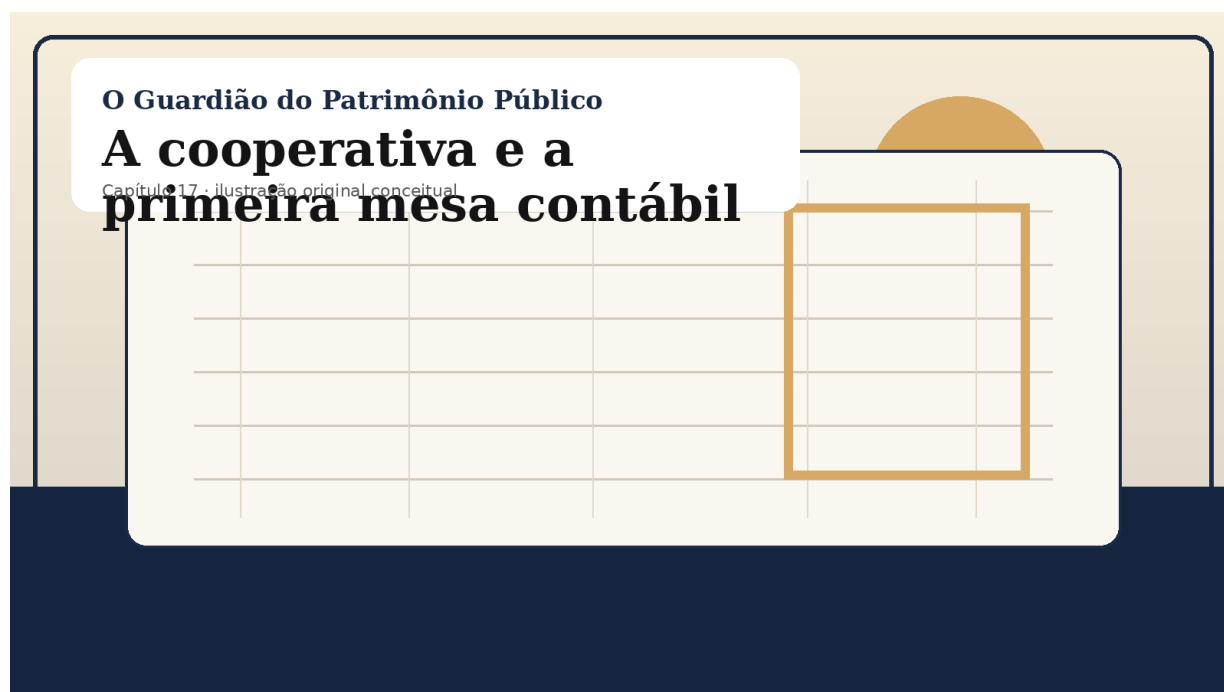
O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Entrada de cooperativa agropecuária, jovem chegando com pasta simples. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A cooperativa e a primeira mesa contábil



Quando a contabilidade entrou na história, ela não apareceu como linguagem fria. Surgiu como forma rigorosa de dizer a verdade sobre aquilo que existe, circula, pertence e precisa ser guardado. Na cooperativa, documentos, lançamentos e controles patrimoniais ganham sentido concreto. A contabilidade deixa de ser apenas matéria e se torna responsabilidade.

A cooperativa organiza pela primeira vez a percepção do protagonista sobre a responsabilidade do registro. Um lançamento incorreto, um documento ausente ou um controle mal executado deixa de ser hipótese teórica e passa a ter consequência institucional.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Contador-chefe: “Aqui cada papel afeta uma decisão.”

João Gabriel: “Então cada descuido também afeta.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Escritório contábil de cooperativa com livros-caixa e arquivos. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O amigo que abriu a porta



Quando a contabilidade entrou na história, ela não apareceu como linguagem fria. Surgiu como forma rigorosa de dizer a verdade sobre aquilo que existe, circula, pertence e precisa ser guardado. A amizade com Carlos revela que trajetórias também se erguem sobre confiança. A porta que se abre exige preparo para permanecer aberta.

A amizade com Carlos lembra que mérito e rede de confiança não são inimigos. Alguém abre a porta, mas é a conduta posterior que justifica a aposta. O romance preserva esse tipo de vínculo como parte da ética da gratidão.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Carlos Menezes: "Indicação abre a porta. Competência mantém você dentro."

João Gabriel: "É assim que pretendo viver."

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Dois amigos conversando ao sair do trabalho, fim de tarde. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O perdão antes da despedida



A juventude e a vida adulta chegaram sem solenidade. Vieram por meio de perdas, reconciliações, novas rotas profissionais e uma convicção cada vez mais firme de que dignidade não se negocia. Um ano antes da morte do pai, João busca reconciliar-se com Raimundo. O perdão não absolve a violência, mas reorganiza a própria alma.

O perdão não surge como sentimentalismo. Ele aparece como escolha racional e moral de quem se recusa a deixar que a violência recebida determine a forma final da própria interioridade.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Eu não vim apagar o passado. Vim impedir que ele seja a última palavra.”

Raimundo: “Você ficou melhor do que eu merecia.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Pai e filho em conversa silenciosa na calçada, luz do entardecer. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O dia em que meu pai morreu



A juventude e a vida adulta chegaram sem solenidade. Vieram por meio de perdas, reconciliações, novas rotas profissionais e uma convicção cada vez mais firme de que dignidade não se negocia. Em 2 de julho de 1998, o pai morre por parada cardíaca. João vive o luto com a dureza de quem conheceu ferida e reconciliação no mesmo homem.

A morte do pai reconfigura memórias. O luto obriga João a sustentar simultaneamente duas verdades: a existência de sofrimento imposto e a importância de não encerrar a história numa caricatura definitiva.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Raimundo: “Filho...”

João Gabriel: “Estou aqui.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Cena sóbria de despedida em ambiente doméstico/hospitalar, sem detalhes gráficos. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O retorno ao trabalho



A juventude e a vida adulta chegaram sem solenidade. Vieram por meio de perdas, reconciliações, novas rotas profissionais e uma convicção cada vez mais firme de que dignidade não se negocia. Após a perda, o trabalho torna-se disciplina de sobrevivência. Casa de frios, controles e funções variadas consolidam sua experiência prática.

No retorno ao trabalho, o protagonista aprende a transformar tristeza em regularidade. Há algo de profundamente brasileiro nessa passagem: continuar porque a vida prática não concede longos intervalos para reorganizar o coração.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Colega: “Você quase não fala sobre seu pai.”

João Gabriel: “Há dores que a gente não explica; atravessa.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Ambiente de trabalho comercial, caixas e produtos organizados. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O escritório próprio



A juventude e a vida adulta chegaram sem solenidade. Vieram por meio de perdas, reconciliações, novas rotas profissionais e uma convicção cada vez mais firme de que dignidade não se negocia. Consultoria e, depois, escritório autônomo representam maturidade profissional. João deixa de pedir chance e passa a oferecer competência.

O escritório autônomo representa uma passagem de identidade. Já não se trata apenas de executar tarefas, mas de responder tecnicamente por elas. Responsabilidade e assinatura passam a andar juntas.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Cliente: “Você garante seriedade?”

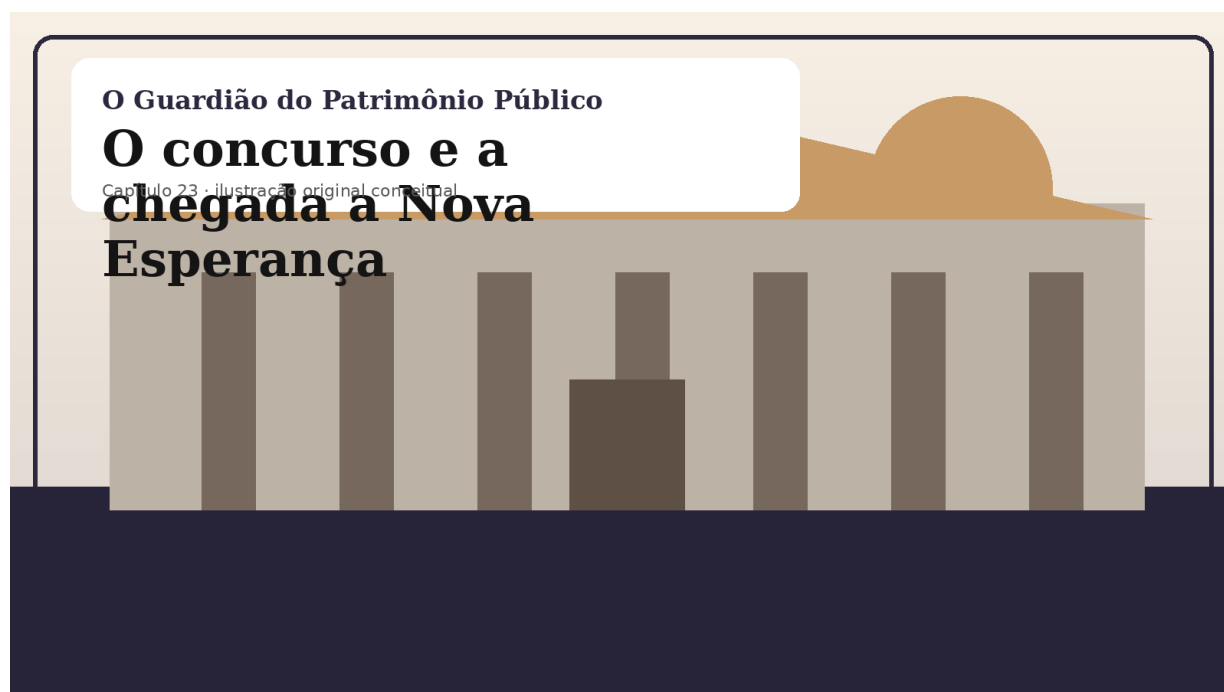
João Gabriel: “Seriedade é a única forma de eu me reconhecer no espelho.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Pequeno escritório contábil próprio, mesa organizada e placa discreta. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O concurso e a chegada a Nova Esperança



A juventude e a vida adulta chegaram sem solenidade. Vieram por meio de perdas, reconciliações, novas rotas profissionais e uma convicção cada vez mais firme de que dignidade não se negocia. Aprovado em concurso, João chega ao município fictício de Nova Esperança em 2007. Leva expectativa de serviço público técnico e sentido de missão.

A chegada ao serviço público traz esperança genuína. João imagina que, no município, a contabilidade encontrará finalidade ainda maior, porque ali o patrimônio administrado pertence simbolicamente a todos.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Agora vou servir ao patrimônio de todos.”

Dona Benedita: “Sirva sem vender a consciência.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Prédio de prefeitura municipal ao amanhecer, servidor chegando com documentos. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Convênios, obras e papéis



No serviço público, a técnica encontrou o poder, e o encontro não foi pacífico. O que deveria ser exercício profissional converteu-se em campo de tensão entre a essência da contabilidade e a conveniência administrativa. Lotado na infraestrutura, acompanha convênios e prestações de contas. Aprende que papel público sem verdade material também pode ser forma de vazio.

Convênios, repasses e prestações de contas revelam a máquina pública por dentro. O capítulo mostra como o excesso de formalidade pode conviver com carência de verdade material, criando aparências de controle sem controle efetivo.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Chefia: “Seu trabalho é acompanhar papéis.”

João Gabriel: “Papel sem realidade é só aparência.”

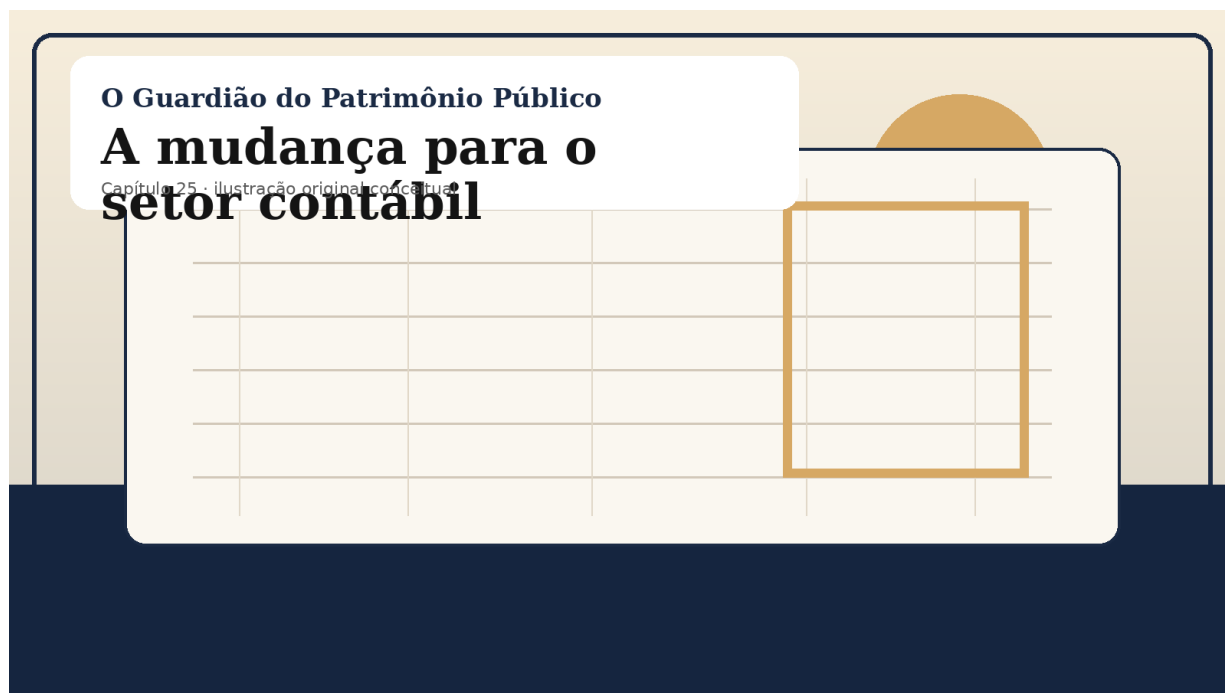
O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Mesa com plantas de obras, convênios e pastas públicas. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A mudança para o setor contábil



No serviço público, a técnica encontrou o poder, e o encontro não foi pacífico. O que deveria ser exercício profissional converteu-se em campo de tensão entre a essência da contabilidade e a conveniência administrativa. Em 2009 consegue realocação para a contabilidade geral, esperando enfim executar aquilo para o qual se preparou. A esperança dura pouco.

A realocação para o setor contábil surge como conquista administrativa, mas também como promessa de alinhamento entre formação e atribuição. Quando essa promessa se frustra, a decepção ganha peso ainda maior.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Controlador: “Vamos tentar levar você para onde faz mais sentido.”

João Gabriel: “É tudo o que peço: exercer a função com inteireza.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Corredor administrativo, mudança de setor com caixas e documentos. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A contabilidade que não existia



No serviço público, a técnica encontrou o poder, e o encontro não foi pacífico. O que deveria ser exercício profissional converteu-se em campo de tensão entre a essência da contabilidade e a conveniência administrativa. No setor contábil, encontra rotina dominada por empenho e liquidação, não pela contabilidade patrimonial em sua plenitude. O choque é técnico e ético.

O choque com a inexistência da contabilidade patrimonial plena é o centro intelectual do romance. É ali que a biografia encontra sua tese: sem verdade patrimonial, a gestão pública opera com visão mutilada da própria realidade.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Onde estão os registros que explicam o patrimônio?”

Servidor: “Aqui a gente resolve o orçamento. O resto ninguém cobra.”

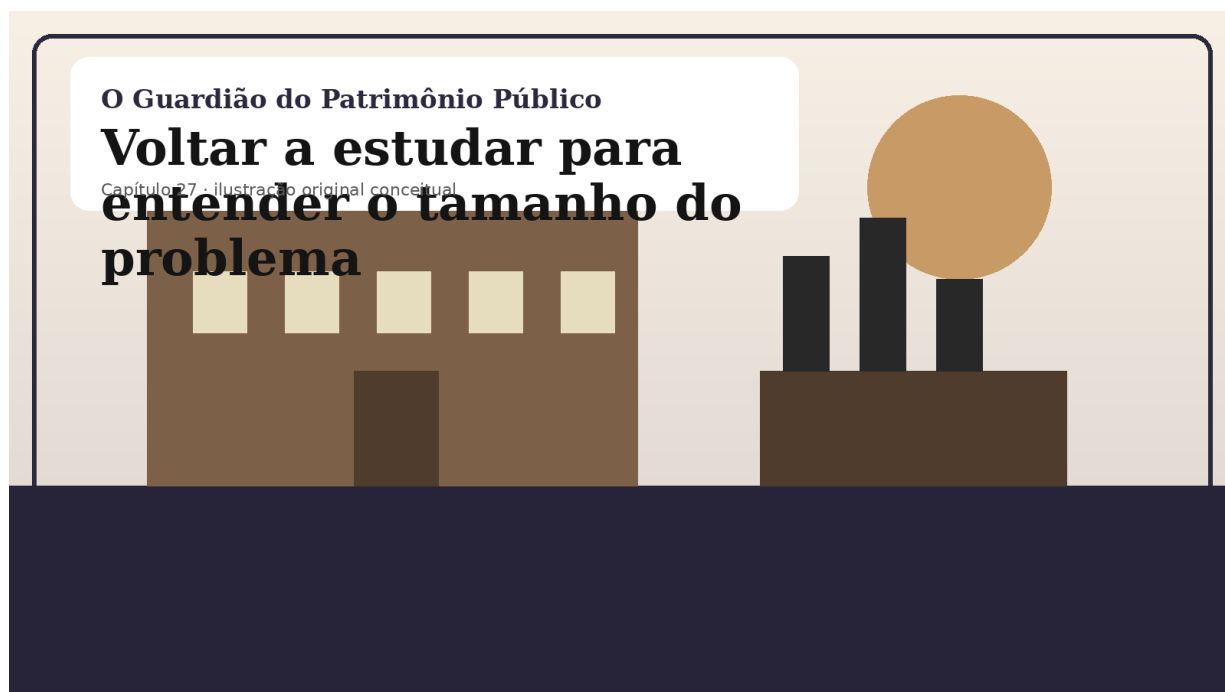
O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Setor público com computadores antigos, pilhas de processos e expressão de perplexidade. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Voltar a estudar para entender o tamanho do problema



No serviço público, a técnica encontrou o poder, e o encontro não foi pacífico. O que deveria ser exercício profissional converteu-se em campo de tensão entre a essência da contabilidade e a conveniência administrativa. Para compreender melhor o tamanho do problema, ele inicia a graduação em Ciências Contábeis em 2010. Estudar vira estratégia de lucidez.

A nova graduação amplia repertório conceitual e dá ao protagonista linguagem ainda mais precisa para nomear o problema. Estudar deixa de ser ascensão individual e passa a ser ferramenta de resistência técnica.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Colega: “Você já trabalha na área. Vai estudar de novo?”

João Gabriel: “Justamente por trabalhar nela é que preciso estudar mais.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Universidade à noite, adulto entrando em sala com mochila. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A sala de aula me devolveu a voz



No serviço público, a técnica encontrou o poder, e o encontro não foi pacífico. O que deveria ser exercício profissional converteu-se em campo de tensão entre a essência da contabilidade e a conveniência administrativa. A docência em instituições privadas e na universidade federal amplia sua voz. Ensinar o que acredita fortalece a própria convicção.

Em sala de aula, a voz do professor organiza a experiência vivida. Aquilo que antes era apenas incômodo passa a ser convertido em explicação, crítica e formação de novos profissionais.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Aluno: “Professor, contabilidade pública serve para quê?”

João Gabriel: “Serve para impedir que o patrimônio coletivo vire sombra.”

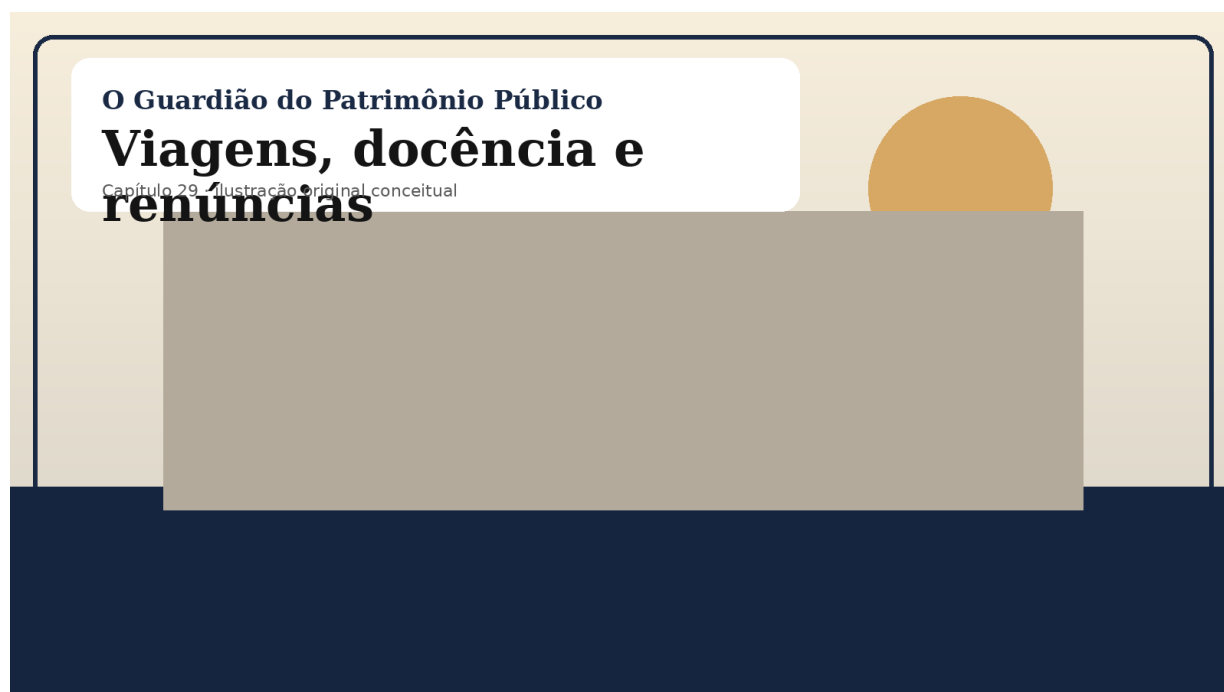
O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Professor em sala de aula universitária, quadro e estudantes atentos. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Viagens, docência e renúncias



No serviço público, a técnica encontrou o poder, e o encontro não foi pacífico. O que deveria ser exercício profissional converteu-se em campo de tensão entre a essência da contabilidade e a conveniência administrativa. As viagens para lecionar em cidades diferentes exigem cansaço, renúncia e disciplina. O professor aprende a viver entre estrada, aula e consciência.

As viagens entre municípios e instituições de ensino simbolizam uma vida em trânsito, sustentada por propósito. A estrada funciona como imagem da travessia contínua entre trabalho, estudo, docência e serviço público.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Colega docente: "Vale a pena tanta estrada?"

João Gabriel: "Vale quando a aula devolve sentido ao esforço."

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Estrada baiana, ônibus/carro, professor levando livros. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O retorno amargo



No serviço público, a técnica encontrou o poder, e o encontro não foi pacífico. O que deveria ser exercício profissional converteu-se em campo de tensão entre a essência da contabilidade e a conveniência administrativa. Quando retorna à prefeitura em 2016, encontra o núcleo contábil terceirizado. A frustração deixa de ser hipótese e vira estrutura instalada.

O retorno à prefeitura tem o gosto amargo das constatações tardias. A terceirização não é boato; é arranjo consolidado. E isso obriga o protagonista a decidir que tipo de servidor será dali em diante.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Quem está executando a contabilidade?”

Servidor: “A empresa. Agora funciona assim.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Retorno ao prédio público com sensação amarga, porta do setor contábil fechada. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A terceirização



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. A terceirização de atividade central, apesar de haver profissional efetivo habilitado, revela a escolha institucional pela conveniência sobre a técnica.

Aqui o romance assume tonalidade mais investigativa. Contratos, atribuições, competências e interesses se entrelaçam. A pergunta deixa de ser apenas quem faz o quê e passa a ser: por que a estrutura escolheu esvaziar a capacidade interna existente?

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Contratar apoio não é o mesmo que esvaziar a função pública.”

Gestor fictício: “O importante é não criar problema.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Reunião tensa em gabinete municipal, contratos sobre a mesa. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A primeira denúncia



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Ele protocola denúncia ao Tribunal de Contas. O gesto inaugura uma solidão nova: a do servidor que decide registrar o que muitos preferem sussurrar.

Protocolar denúncia contra a própria estrutura não tem glamour. Há receio de retaliação, mal-entendidos e isolamento. Ainda assim, o capítulo apresenta a denúncia como consequência lógica da coerência, não como gesto impulsivo.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Amigo: “Você tem certeza?”

João Gabriel: “Tenho certeza de que o silêncio também deixa rastro.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Servidor entregando denúncia em tribunal, arquitetura austera. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O desvio de função



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Mantido em execução orçamentária, João percebe o desvio de função como violação prolongada. Busca reconhecimento judicial em 2021.

O desvio de função evidencia a distância entre concurso, cargo, conhecimento e prática institucional. A judicialização aparece não como vaidade, mas como tentativa de recompor a verdade funcional violada ao longo do tempo.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Advogado: “Você quer apenas indenização?”

João Gabriel: “Quero que a verdade da função seja reconhecida.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Mesa com petição judicial, calculadora e códigos legais. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O contador isolado



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Aos poucos, o defensor da técnica passa a ser visto como incômodo. O isolamento testa sua fé na própria trajetória.

O isolamento profissional pesa porque corrói o cotidiano. Não é apenas uma grande disputa abstrata; são corredores, reuniões truncadas, silêncios calculados e a experiência de se tornar inconveniente por insistir no óbvio técnico.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Colega: “Você fala como se ainda acreditasse que isso vai mudar.”

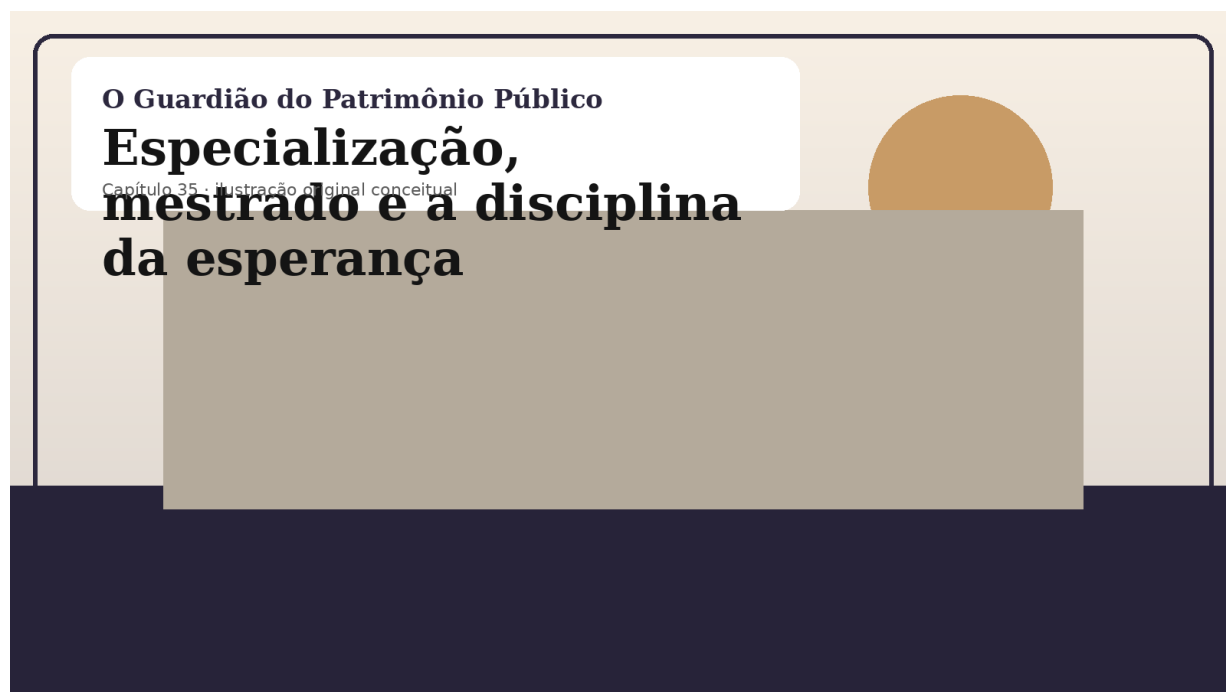
João Gabriel: “Acredito, ou pelo menos me recuso a normalizar o errado.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Servidor sozinho em sala pública no fim do expediente. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Especialização, mestrado e a disciplina da esperança



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Especialização, mestrado e novas formações não são fuga: são aprofundamento. João afia pensamento, método e esperança.

As pós-graduações e o mestrado reforçam um traço do protagonista: quando o ambiente nega amplitude à sua função, ele amplia a si mesmo. Em vez de diminuir sua régua, aprofunda o próprio preparo.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Professor Augusto Valente: “Quem estuda com propósito não coleciona títulos; constrói instrumentos.”

João Gabriel: “É esse tipo de instrumento que eu procuro.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência,

construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Biblioteca e diploma acadêmico, pesquisador anotando. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Doutorado e luta por reconhecimento



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. No doutorado, a luta por reconhecimento profissional se cruza com ação judicial sobre enquadramento e dignidade funcional. O conflito ganha outra escala.

O doutorado coincide com uma fase em que reconhecimento institucional e densidade intelectual se cruzam. O romance mostra como luta por enquadramento profissional, salário e dignidade não se separa da ideia de justiça administrativa.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Não peço privilégio. Peço adequação entre formação, função e realidade.”

Advogado: “Então vamos sustentar isso até o fim.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio

de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Fórum e ambiente acadêmico, livros e processo judicial. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O sistema de custos



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Impedido de registrar a contabilidade como entende correto, ele cria por conta própria um sistema de custos via web. A denúncia se transforma em solução.

O sistema de custos via web é ponto de virada criativa. João deixa de ser apenas aquele que denuncia a ausência para se tornar também o sujeito que constrói ferramenta pública de inteligibilidade do gasto.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

João Gabriel: “Se me negam a mesa, eu construo a ferramenta.”

Aluno: “Professor, isso é resistência?”

João Gabriel: “É responsabilidade aplicada.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência,

construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Tela de sistema web de custos, contador trabalhando à noite. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

A nova gestão, a velha prática



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Em 2025, nova gestão, velha escolha: nova empresa contratada. João leva a denúncia também ao Ministério Público e reafirma a tese central do livro.

A nova gestão e a nova contratação reiteram a permanência do problema. Por isso a ida ao Ministério Público ganha peso simbólico: o conflito já extrapolou a repartição e se consolidou como questão de interesse coletivo.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Promotora Helena Duarte: “O senhor tem documentação?”

João Gabriel: “Tenho documentos, memória e coerência.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Gabinete ministerial com promotora recebendo documentos. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

Vitória moral



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Nem toda vitória vem em sentença. Permanecer fiel à ética, estudar, denunciar e construir alternativa já configura triunfo moral.

A vitória moral é tratada como categoria robusta, não como consolo fraco. Em contextos institucionais lentos, manter-se íntegro, documentado, estudioso e produtivo pode ser a forma mais concreta de triunfo disponível no presente.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Dona Benedita: “Ganhar nem sempre é receber razão na hora.”

João Gabriel: “Às vezes é continuar merecendo a própria consciência.”

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Homem maduro em reflexão silenciosa, cidade ao fundo. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.

O guardião do patrimônio público



A partir daí, cada passo deixou de ser apenas biográfico. Tornou-se também institucional. A história individual passou a tocar a estrutura pública, e o preço da coerência começou a aparecer com nitidez. Ao olhar a própria trajetória, João entende a linha que une a criança protegida pela avó ao servidor que protege o patrimônio coletivo.

No encerramento, a imagem do guardião não é a de um herói invencível, mas a de um profissional que entendeu sua função pública como tutela consciente da verdade patrimonial e, por isso, da própria dignidade social.

Nesse trecho da narrativa, João Gabriel entende que o valor das coisas não está apenas no esforço gasto para obtê-las, mas no sentido que elas adquirem quando sustentam a vida de alguém. Em Santa Aurora, e depois em Nova Esperança, esse aprendizado reaparece sob formas diferentes: uma banca de verduras montada ainda de madrugada, uma sala de aula em que a técnica é tratada como compromisso social, um gabinete público onde papéis tentam substituir a realidade.

Narrador: "O patrimônio público tem rosto: rua, escola, saúde, confiança."

Dona Benedita: "Então guarde isso como quem guarda a vida."

O episódio não é apresentado como vitrine de heroísmo fácil. Há fadiga, contradição, medo e até vontade de recuar. O que distingue o protagonista é a decisão repetida de não permitir que a fragilidade se transforme em capitulação moral. Essa insistência, construída desde a infância, ajuda a explicar por que mais tarde ele reagirá ao desvio de função, à terceirização indevida e ao esvaziamento técnico da contabilidade

pública.

A visualidade deste capítulo foi concebida de modo original e simbólico: Figura do guardião simbólico olhando a cidade, luz de amanhecer. A escolha por ilustrações ficcionais evita uso de imagem real e reforça o caráter literário da obra.

Ao final, fica uma ideia simples e poderosa: toda luta ética começa muito antes do conflito formal. Ela nasce nos hábitos, nas presenças, nas feridas e nas promessas silenciosas que moldam a forma como alguém decide se comportar quando finalmente encontra poder, risco ou omissão diante de si.